

**MEMÓRIA SOCIAL E TRADIÇÃO ORAL: A MEMÓRIA DOS DISCÍPULOS
DE JOÃO BATISTA NAS NARRATIVAS DE MATEUS 11.2-19**

Marcelo da Silva Carneiro¹

Resumo:

O presente artigo tem por tema a análise do discurso sobre João Batista dentro das narrativas do Evangelho de Mateus como memória social dos discípulos dele. Essa tradição precisa ser harmonizada com a tradição dos discípulos de Jesus a respeito do Batista, o que gera a necessidade de revisão na tradição oral. Será utilizada como metodologia a análise comparativa de Mt 11.2-19 com Lc 7.18-35 e alguns trechos de Tomé, que tratam do mesmo tema: o discurso de Jesus sobre a pessoa de João Batista. Como base teórica o artigo terá os trabalhos de Samuel Byrskog e Alan Kirk a respeito da memória social das comunidades cristãs, aplicando a teoria sobre memória social e tradição oral às narrativas de Mateus, em relação a João Batista. Como possível resultado, demonstrará que o Batista era visto por ambos os grupos como um homem com comportamento controverso e postura profética na sociedade rural palestinese.

Palavras-chave: Evangelho de Mateus – João Batista – Memória Social – Tradição Oral – *Sitz im Leben*

¹ Doutorando em Ciências da Religião pela UMESp. Mestre em Teologia pela PUC-RJ. Bolsista CNPQ.

Abstract:

This paper presents the speech about John Baptist within the Gospel of Matthew as his disciples' social memory. This tradition need to be harmonizing with the disciples' Jesus tradition about the Baptist, which leads the needs of oral tradition review. The methodology will be the comparative analysis between Mt 11.2-19 and Lc 7.18-35 and a few Thomas excerpts, which the same subject matter: the Jesus' speech about John Baptist. As a theoretical basis, the paper have the Samuel Byrskog and Alan Kirk's works about the Christian communities' social memory, applying the theory about social memory and oral tradition to the Matthew's narratives, for John Baptist. As a possible result, this paper shows that the Baptist understood for both groups as a controversial behavior and prophetic stance man in rural Palestinian society.

Key-words: Gospel of Matthew – John Baptist – Social Memory – Oral Tradition – *Sitz im Leben*

1. Memória social, tradição oral e *Sitz im Leben*

O estudo sobre a relação entre memória social e tradição oral aplicados ao conceito de *Sitz im Leben* tem como fundamento a teoria do sociólogo francês Maurice Halbwachs, que estudou a memória social como fenômeno fluído e não condicionado teleologicamente. Recentemente, Samuel Byrskog analisou o Evangelho de Mateus a partir dessa premissa, em que ele faz uma relação entre memória e a imagem de auto-promoção da comunidade, formando a memória social dela. Byrskog tem como pressuposto que a memória social é parte do processo de *pertença* e que os evangelhos refletem a interação com a construção social do passado.²

Partindo desse conceito de memória social, Byrskog o associou ao *Sitz im Leben*, da esfera da exegese histórico-crítica. No entanto, diferentemente do sentido tradicional, ele considera o *Sitz im Leben* como um tipo de coleção dentro de um contexto específico de influência do presente pela referência ao passado. Assim, ele aponta alguns aspectos no processo:

(a) A memória social não é dependente apenas do modo oral de interação. Diversos elementos comunitários servem para formar a memória social. O lugar decisivo, no entanto, é a linguagem; assim, a memória social relata vários tipos de oralidades e interações com escritos.

(b) A típica situação de formação da memória social do passado é a coexistência regular dentro do grupo. O *Sitz im Leben* da tradição de Jesus nos evangelhos sincronizou a memória social do passado em ocasiões mnemônicas específicas para a totalidade da comunidade mnemônica.

(c) É preciso distinguir entre o que é social e o que é coletivo. A memória coletiva é social, mas é focada não no ato de lembrar, e sim naquilo que é mnemonicamente compartilhado por todos os membros. Memória social, no sentido estrito, é a parte do ato mental de lembrar que é socialmente condicionada. Assim, compreende-se que o *Sitz im Leben* é uma ocasião e memória coletiva.

² BYRSKOG, Samuel. "A new Quest for the *Sitz im Leben*: Social memory, the Jesus Tradition and the Gospel of Matthew", In: *New Testament Studies* 52 (2006), pp.319-336.

(d) A memória social ensina a lembrar e narrar o passado de acordo com estruturas de roteiro convencionais e padrões mnemônicos. Uma questão crucial no debate é como passar da análise da escrita para as realidades sociais por trás dela. Para que se possa fazer isso, é necessário olhar para as estruturas narrativas maiores segundo as quais cada uma é padronizada pelo passado e mantém um senso de continuidade histórica.

(e) Uma significativa parte da formação da identidade tem a ver com identificação mnemônica e narratividade. Identidades são projetos e práticas, não propriedades, e emergem do modo como somos posicionados e qual é a nossa posição nas narrativas do passado. Fazer parte de uma comunidade significa situar-se a si mesmo em relação ao passado.

Como conclusão dessa análise, Byrskog compreende o *Sitz im Leben* como um tipo recorrente de ocasião interna da comunidade quando algumas pessoas cuidam da tradição de Jesus e a usam oralmente, escrevendo sua versão do Evangelho.

A teoria de Byrskog se coaduna com outras a respeito da memória coletiva, como a pesquisa de Alan Kirk e Tom Thatcher³, que apontam para a ideia de que a memória serve não para reconstituir o passado, mas para reconstruí-lo a partir das novas vivências, agindo assim definitivamente na identidade da comunidade. Neste sentido, deve-se falar em re-construção da identidade, a partir da re-construção do passado. Kirk e Thatcher avaliam que o desaparecimento da memória como categoria analítica na pesquisa bíblica pode ser atribuída a vários fatores, mas especialmente aos efeitos da crítica das formas, que tende a se prender no texto escrito e definido rigidamente como tradição recebida. Na verdade, deve-se pensar num processo coletivo onde a compreensão do passado por meio da celebração está em negociação com as vivências presentes. Assim, tradição e memória não podem ser desmembradas, mas estão em constante relação de influência mútua.

Será a partir desses conceitos que iremos ler o texto de Mt 11.7-19 e seus paralelos.

³ KIRK, Alan, THATCHER, Tom. (Ed.) *Memory, Tradition, and Text. Use of the Past in Early Christianity*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

2. O texto de Mt 11.7-19: estrutura e pontos centrais

I – Jesus fala acerca de João: o que prepara o caminho

⁹*Mas que saístes a ver?*

Um profeta? Sim digo a vós, e mais do que profeta. ¹⁰Este é a respeito de quem está escrito:

“Eis eu envio o meu mensageiro diante da tua face, o qual preparará o teu caminho diante de ti.”

¹¹*Em verdade vos digo:*

não se levantou dentre os nascidos de mulher um maior que João (o) Batista; mas o menor no reino dos Céus é maior do que ele.

¹²*Desde os dias de João (o) Batista até agora o reino dos Céus sofre violência, e os violentos o tomam.*

¹³*Pois todos os profetas e a lei até João profetizaram; ¹⁴E se desejais aceitar, este é o Elias, o que está por vir.*

¹⁵*O que tem ouvidos ouça.*

II – Diferença dos ministérios de Jesus e João: justificação pelas obras

¹⁶*A que compararei esta geração?*

É semelhante a crianças assentadas nas praças as quais ficam gritando para as outras. ¹⁷Dizem:

*tocamos flauta para vós e não dançastes,
cantamos um lamento e não pranteastes.*

¹⁸*Veio pois João não comendo nem bebendo, e dizem:*

Tem demônio.

¹⁹*Veio o filho do homem comendo e bebendo, e dizem:*

Eis um comilão e beberrão, amigo de cobradores de impostos e pecadores.

Mas a sabedoria foi justificada pelas obras dela.

Estrutura narrativa

A estrutura narrativa dessa sequência é quase nula de elementos típicos da narratologia: não há cenário – com exceção da citação à prisão de João. Também não se define o tempo da ação, que em si é quase inexistente: apenas trata dos discípulos de João, indo até Jesus para perguntar sobre o caráter de seu ministério. O narrador aparece em apenas um momento, iniciando a perícopa (11.7). Entretanto, os estudos sobre Mateus apontam que essa forma de narrar o evento em Mateus tem um propósito, e a aparente ausência do narrador, de fato, é uma *forma não narrativa*, ou *cena dramatizada*. Nela, o narrador do evangelho coloca Jesus de tal maneira na narrativa que o faz dialogar, agir e re-agir com os demais personagens, tornando a imagem dele viva, como alguém presente e ainda atuante na vida da comunidade.

No caso dessa narrativa, é Jesus quem fala, em dois discursos com temas específicos: o primeiro (7-15), é um discurso sobre João e o caráter de seu ministério; e o segundo discurso (16-19) contrapõe seu ministério com o de João, mostrando que ambos desagradam seus ouvintes, mesmo sendo tão diferentes. O que se deseja perceber é como esses discursos costuram tradições e memórias de grupos distintos em uma única mensagem.

3. A comparação sinótica de Mt 11.2-19 com os paralelos

A análise sinótica se dará entre o texto de Mt 11.2-19 e outros correlatos, a começar da fonte Q⁴, o evangelho canônico de Lucas e o extracanônico de Tomé, a partir da sinopse de Kloppenborg. Ao fazer isso, o objetivo será apontar elementos na narrativa que sejam próprios da memória da comunidade de João Batista, mesmo apropriados pela comunidade de Mateus. A comparação irá utilizar a seguinte legenda, considerando sempre as mudanças em relação à fonte Q:

- txt – textos próprios de cada evangelista
- **negrito** – expressões e frases idênticas

⁴ A hipótese literária que os pesquisadores acreditam ter sido fonte para os materiais comuns a Mateus e Lucas, e que estão presentes também no Evangelho de Tomé.

- *itálico* - uso de sinônimos ou modificações em tempos verbais, sem alteração de sentido
- sublinhado - acréscimos de um texto sobre a fonte
- < > - omissões de um texto em relação à fonte

Mateus 11.7-19	Q 7	Lucas 7.18-35	Tomé
<p>7 E indo estes Jesus</p> <p>começou a dizer às multidões a respeito de João: Que saístes para ver no deserto? Um junco sacudido pelo vento?</p>	<p>24 Tendo eles ido a caminho, Jesus</p> <p>começou a dizer [às ou para as] multidões a respeito de João: Que saístes para ver no deserto? Um junco sacudido pelo vento?</p>	<p>24 E tendo partido os mensageiros de João []</p> <p>começou a dizer para as multidões a respeito de João: Que saístes para ver no deserto? Um junco sacudido pelo vento?</p>	<p>Tm 78a Disse Jesus: Por que saístes <i>ao campo?</i> Para ver um junco sacudido pelo vento?</p>
<p>8 Mas que saístes a ver? Uma pessoa vestida luxuosamente? Eis, os que usam roupas <i>finas estão nas casas dos reis.</i></p>	<p>25 Mas que saístes a ver? Uma pessoa vestida luxuosamente? Eis, os que usam roupas <i>finas estão <...> dos reis.</i></p>	<p>25 Mas o que saístes a ver? Uma pessoa vestida luxuosamente com <i>finas vestes?</i> Eis, os que estão <i>vestidos com roupa esplêndida e em luxo</i> estão nos palácios reais.</p>	<p>Tm 78b E ver uma pessoa vestida luxuosamente, [como seus] governantes e seus poderosos? <i>Se vestem com roupa fina e não podem entender a verdade.</i></p>
<p>9 Mas que saístes a ver? Um profeta? Sim digo a vós, e mais do que profeta.</p>	<p>26 Mas que saístes a ver? Um profeta? Sim digo a vós, e mais do que profeta.</p>	<p>26 Mas que saístes a ver? Um profeta? Sim digo a vós, e mais do que profeta.</p>	

<p>10 Este é a respeito de quem está escrito: Eis eu envio o meu mensageiro diante da tua face, que preparará o teu caminho diante de ti.</p>	<p>27 Este é aquele de quem está escrito: Eis, eu envio meu mensageiro diante de ti, que preparará o teu caminho ante ti.</p>	<p>27 Este é a respeito de quem está escrito: Eis [] envio o meu mensageiro diante de tua face, o qual preparará o teu caminho perante ti.</p>	
<p>11 <i>Em verdade vos digo:</i> não se levantou dentre os nascidos de mulher um maior que João [(o) Batista]; mas o menor no reino dos Céus é maior do que ele.</p>	<p>28 Digo a vós: não se levantou dentre os nascidos de mulher um maior que João; mas o menor no reino dos Céus é maior do que ele.</p>	<p>28 Digo a vós, <i>entre nascidos de mulheres ninguém é maior do que João; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele.</i></p>	<p>Tm 46. Disse Jesus: Desde Adão até João o Batista, <i>entre os nascidos de mulher, ninguém é maior que João o Batista</i>, de modo que seus olhos (...) Mas eu digo que qualquer entre vós que se tornar como uma criança conhecerá o reino, e ele será superior a João.</p>
<p>12 Desde os dias de João (o) Batista até agora o reino dos Céus sofre violência, e os violentos o tomam [roubam].</p>			

13 Pois todos os profetas e a lei até João profetizaram;		Lc 16.16 A lei e os profetas duraram até João ; desde então é anunciado o reino de Deus, e todo o homem emprega força para entrar nele.	
14 E se desejais aceitar, este é o Elias, o que está por vir. 15 O que tem ouvidos ouça.			
16 A que compararei esta geração? [] É semelhante a umas crianças assentadas nas praças as quais ficam gritando para as outras	31 A que compararei esta geração? A que <se> assemelha? 32 É semelhante a umas crianças, assentadas [na] praça que provocam as [outras],	31 A que pois compararei as pessoas desta geração e a que são semelhantes? 32 São semelhantes a crianças assentadas em uma praça e gritando umas às outras as quais	
17 Dizem: tocamos flauta para vós e não dançastes, cantamos um lamento e não	dizem: tocamos flauta para vós e não dançastes, cantamos um lamento e não	dizem: tocamos flauta para vós e não dançastes, cantamos um lamento e não	

pranteastes.	pranteastes.	pranteastes.	
18 Veio (aoristo) pois João não comendo nem bebendo, e dizem: Tem de mônio.	33 Veio (aoristo) pois João, não comendo nem bebendo, e dizeis: Tem de mônio.	33 <i>Veio</i> (perfeito) pois João (o) Batista não comendo pão nem bebendo vinho, e dizeis: Tem de mônio.	
19 Veio [aoristo] o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: Eis um homem comilão e beberrão, amigo de cobradores de impostos e pecadores. Mas a sabedoria foi justificada pelas obras dela.	34 Veio (aoristo) o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis um comilão e beberrão, amigo de cobradores de impostos e pecadores. 35 Mas a sabedoria foi justificada pelos filhos dela.	34 <i>Veio</i> [perfeito] o Filho do Homem comendo e bebendo, e dizeis: Eis um homem comilão e beberrão, amigo de cobradores de impostos e de pecadores. 35 Mas a sabedoria foi justificada por todos os filhos dela.	

4. A memória social de João Batista na Comunidade de Mateus

Na metodologia de comparação sinótica, a atenção se volta para a forma como cada narrativa paralela é construída. Citar ou não certos elementos geográficos, mencionar uma personagem, alterações, omissões ou acréscimos de um trecho em comparação com outro, e até mesmo as ausências, também é uma forma de comunicar-se, de discursar. O esquecimento não deixa de ser um processo seletivo do discurso.

Comparados os textos apresentados, verificam-se as diferenças que podem representar, em Mateus, reflexos do discurso do grupo do Batista. De fato, tanto pode

ser material de Q não utilizado por Lucas e Tomé quanto material próprio de Mateus ajustado ao material de Q, pela proximidade temática entre esses materiais. Mesmo assim, demonstram uma seletividade específica de Mateus em relação aos paralelos. Destacamos aqui os seguintes trechos:

v.7,8: E indo estes começou Jesus a dizer às multidões acerca de João: Que saístes para observar no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Mas que saístes a ver? Uma pessoa vestida em vestes finas? Eis, os que usam vestes finas estão nas casas dos reis.

Esse dito é de tradição comum a Lucas e Tomé, no qual aparece um aspecto econômico, em que as pessoas que se vestem finamente ou que estão nas casas reais [ἄνθρωπον ἐν μαλακοῖς ἡμφιεσμένον; ἰδοὺ οἱ τὰ μαλακὰ φοροῦντες ἐν τοῖς οἴκοις τῶν βασιλέων εἰσὶν] são a antítese do que João Batista representava. Não dá para descartar a ideia de que esse verso está intrinsecamente correlacionado no campo semântico econômico, fator que talvez fosse definitivo, ou ao menos, importante no imaginário da multidão que ouvia Jesus (e mais ainda o Batista).

A grande diferença a ser destacada nos textos é o uso de casas [οἴκοις] por Mateus, em vez de palácios [βασιλείαις] por Lucas e Tomé. Pode ser um indício de um tipo diferente de casa rica, talvez uma *villa* romana, que normalmente ficava localizada em lugares altos, fora dos limites das cidades, a partir de onde os ricos controlavam a produção agrícola de seus latifúndios. Isso remete a uma memória vívida por parte dos continuadores da memória de Jesus e o Batista, um ambiente rural, mas helenizado (ou ainda romanizado). Neste sentido, importante é afirmar que ele não faz parte da elite, porque está no deserto. Ao mesmo tempo, parece estar em algum local onde é possível ver as “casas dos reis”, provavelmente, as ricas casas de veraneio, próprias para a elite helenizada usufruir de sua riqueza.

A imagem do caniço, ou cana, agitado pelo vento remete à ideia de uma pessoa que sofre resistência, mas não se quebra. Alguém que, apesar da aparente fraqueza perante as forças da estrutura social dominante, mantinha-se de pé, e não renunciava ao seu ministério de pregador e denunciador das injustiças. Essa imagem de João Batista era comum nas diferentes memórias comunitárias, fazendo parte da tradição de Q.

v. 9,11 *Que saístes a ver? (...) Um profeta? Sim digo a vós, e mais do que profeta (...) não se levantou dentre os nascidos de mulher um maior que João (o) Batista; mas o menor no reino dos Céus é maior do que ele.*

A seguir o discurso sai do campo econômico e insere uma dimensão religiosa, em que a figura do profeta [προφήτην] que a multidão fora ver no deserto era o Batista que, automaticamente, confirmava a citação da LXX: é aquele que prepara o caminho [κατασκευάσει τὴν ὁδὸν σου ἔμπροσθέν σου]. Pode ser que no meio da multidão houvessem pessoas ligadas ao judaísmo que valorizassem as escrituras e a necessidade de cumprimento da palavra (fariseus, sacerdotes e escribas?). Em seguida Jesus utiliza de um recurso retórico [Ἀμὴν λέγω ὑμῖν] para iniciar uma metáfora. O campo semântico utilizado no discurso é constituído de antônimos que se complementam, por meio da ideia do *maior* [μεῖζων] e *menor* [μικρότερος].

O que se quer destacar aqui é a expressão de João ter sido *mais que um profeta*. Para início da análise é bom perceber o que está na entrelinha, no interdito. Nesse caso, seria uma tentativa de tirar de João um caráter profético tradicional? Com que fim? Segundo a construção literária de Mateus, a resposta parece estar na continuação do dito, quando ele cita o texto de Mt 3.1, porém com o texto reduzido e até alterado, seguindo o que pode ser uma tradição judaica popular, associada a Eclo 48.⁵ Seria de fato uma maneira de minimizar o Batista e colocá-lo em uma dimensão menor que o ministério de Jesus, o Senhor, para quem foi preparado o caminho.

Além disso, colocar João como mais que um profeta, ao mesmo tempo que o menor no reino dos Céus, é uma forma diplomática de calar os membros oriundos do grupo do Batista. Eleva-se o ministério de João, e o rebaixa em termos de importância numa visão maior. Carter tenta minimizar essa crise, indicando que o menor seria o próprio Jesus, que é maior, mas na qualidade de servo, não de tirano.⁶ Seria então uma

⁵ Luz aponta que nesse caso Mt 3.1 está enriquecido com Ex 23.20, textos que o cristianismo primitivo aplicou a João Batista. Além disso, ele argumenta que “la gran antigüedad de esta cita se advierte en que su segunda mitad en v.11c no se basea en el texto LXX sino que en el masorético.” LUZ. Ulrich, *El Evangelio de San Mateo*, Vol II, p.239, nota 23. Ele aponta ainda que essa adaptação parece ser de tradição judaica, anterior ao cristianismo.

⁶ CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*, p.327.

expressão antitética paradoxal. No entanto, a perícopes como um todo não ajuda a ter essa interpretação, pois Jesus é colocado diante de João como outro ministério, e não como continuação. Mateus faz ver que Jesus está cumprindo cabalmente sua tarefa messiânica, e João já cumpriu a sua, como indica o uso de ἐξήλθατε [fostes ver] no aoristo, como algo do passado. Aqui fica evidente que o texto está focado nos ouvintes imediatos, em especial os do grupo do Batista. Em Tomé esse dito ganha outra dimensão, pois ele aponta para a criança como a realização plena do reino de Deus, mas reforça a grandeza do Batista em comparação com os demais nascidos de mulher. Assim a comparação com o ministério de Jesus se esvazia, parecendo ser uma ênfase das comunidades de Mateus e Lucas.

v. 12,13: *Desde os dias de João (o) Batista até agora o reino dos Céus sofre violência, e os violentos o tomam. Pois todos os profetas e a lei até João profetizaram.*

Lucas desloca esse trecho para outra perícopes (16.16), em um contexto diferente, numa situação de conflito com os fariseus. É um dito inexistente em Tomé. Parece ser uma tradição dissociada de Q, transmitida de forma isolada e que Mateus inseriu no contexto do questionamento do grupo de João sobre o ministério de Jesus.

Em si o dito guarda uma contradição em relação ao tema da não-violência, apontado no Sermão do Monte em dois momentos: em 5.38-42, onde proíbe a vingança; e em 5.43-48, em que ordena o amor ao inimigo. Essa afirmação da violência em relação ao reino de Deus de forma tão dura parece remeter aos grupos iniciais. Luz admite a antiguidade do dito, indicando como uma tradição incômoda, especialmente em relação ao sentido de ἀρπαζω.⁷

Em geral as correntes interpretativas discordam sobre uma interpretação positiva, em que o reino é o que avança, contra os homens violentos, e uma passiva, em que homens violentos procuram avançar sobre o reino dos Céus, usando da violência. Como elemento indiciário, essa segunda tendência tem mais probabilidade de ser a interpretação adequada ao texto por indicar as dificuldades reais que os grupos enfrentaram em sua existência. É uma constatação da dificuldade de grupos minoritários – como os grupos de João Batista e de Jesus – anti-imperialistas diante da hegemonia

⁷ LUZ, Ulrich. *El Evangelio de San Mateo*, Vol II, p.238.

das elites religiosas, e também um indício de que havia o reconhecimento mútuo dessas vicissitudes dentro da comunidade. Nesse caso, a inserção desse dito pode representar a busca de consenso e conciliação interna, por parte dos grupos oriundos do Batista e de Jesus.

v. 14,15: *E se desejais aceitar, este é o Elias, o que está por vir. O que tem ouvidos ouça.*

Esse dito, ignorado por Lucas e Tomé, tem um caráter de aproximação e legitimação do ministério de João em relação a Jesus. Da mesma forma que os ditos de Mt 11.12,13, podem ser uma tradição independente em relação a Q. É uma chamada à aceitação do Batista, que infere uma aceitação do próprio Jesus. Luz comenta de forma passageira esse ponto, apenas destacando que nessa afirmação Mateus explicita João como a pessoa de Elias que voltou para proclamar penitência a Israel, e indiretamente à sua comunidade.⁸ A recusa em aceitar a pregação de João, e posteriormente, ao Filho do Homem, faz parte dessa tipologia aplicada, que será esmiuçada na seção seguinte, de 15-19, onde se aponta a contradição entre os ministérios e a rejeição a ambos.

Elias é tido como um arquétipo profético que foi vivenciado por João Batista. Jesus aceita o ministério de João ao afirmar que ele era aquele que devia vir [ἔρχεσθαι], diferente da reação de João referente ao ministério de Jesus (cf. Mt 11.2-6). Entretanto, não se pode desprezar que a função de João era pontual, logo, uma atividade introdutória ao movimento que se daria no ministério de Jesus, interpretado pela comunidade de Mateus como o verdadeiro e definitivo para a chegada do Reino de Deus.

Davies e Carter também seguem essa ideia, que considera 11.10 como uma citação de Ml 3.10 e 4.5 (Ml 3.10 tem um texto diferente em relação a 11.10, e 4.5 (3.22 na LXX, é uma alusão à vinda do Elias, não um texto citado). Carter considera ainda uma alusão a Eclo 48.1-10:⁹

⁸ LUZ, Ulrich. *El Evangelio de San Mateo*, Vol. II, p.246.

⁹ CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*, p.328; DAVIES, Margaret. *Matthew*, p.96.

Naqueles dias, ¹o profeta Elias surgiu como um fogo, e sua palavra queimava como uma tocha. ²Fez vir a fome sobre eles e, no seu zelo, reduziu-os a pouca gente. ³Pela palavra do Senhor fechou o céu e de lá fez cair fogo por três vezes. ⁴Ó Elias, como te tornaste glorioso por teus prodígios! Quem poderia gloriar-se de ser semelhante a ti?

⁹Tu foste arrebatado num turbilhão de fogo, num carro de cavalos também de fogo, ¹⁰tu, nas ameaças para os tempos futuros, foste designado para acalmar a ira do Senhor antes do furor, para conduzir o coração do pai ao filho, e restabelecer as tribos de Jacó. ¹¹Felizes os que te viram, e os que adormeceram na tua amizade! ¹⁰

Que indício esse dito pode apontar? Se o consideramos vindo da tradição dos ditos de Jesus, parece ser um reconhecimento por parte deste da autoridade que estava sobre João. Se assim for, o próprio Jesus tem sua autoridade reforçada, afinal, foi batizado por ele, com a declaração (segundo a versão mateana) de que não era digno de fazê-lo. Caso, no entanto, se considere vindo da comunidade mateana, transparece aí uma tentativa de apaziguamento. Reconhecer a autoridade do Batista tem um apelo conciliatório perante o grupo oriundo do círculo dele, que agora faz parte da comunidade mateana. E mais: João Batista ganha uma dimensão apocalíptica, na linha de Elias. É o anunciador da chegada do Reino, que em Mateus não se realizará escatologicamente, mas apocalípticamente na pessoa de Jesus, em sua morte e ressurreição.

Esse processo aponta para uma memória apocalíptica, própria do movimento do Batista, cuja pregação tinha forte apelo à consciência dos ouvintes por causa do juízo divino.

v.16-19: É semelhante a crianças assentadas nas praças as quais ficam gritando para as outras. Dizem: tocamos flauta para vós e não dançastes, cantamos um lamento e não pranteastes. Veio pois João não comendo nem bebendo, e dizem: Tem demônio. Veio o filho do homem comendo e bebendo, e dizem: Eis um comilão e beberrão, amigo de cobradores de impostos e pecadores. Mas a sabedoria foi justificada pelas obras dela.

¹⁰ Citado de <http://remicon-primeiraleitura.blogspot.com.br/2012/12/primeira-leitura-eclesiastico-481-49-11.html>. Acesso em 24/04/2012.

O autor mateano utiliza a expressão ‘o que tem ouvidos ouça’ [ὁ ἔχων ὦτα ἀκούετω.] tanto para fechar uma ideia (no v.15) como, também, para iniciar outro conjunto de ideias. Após essa expressão, o discurso de Jesus se preocupa em comparar com essa geração [γενεάν]. A metáfora apropriada pelo autor é bastante ousada. Na primeira comparação, a figura de linguagem são de crianças [παιδίους] que fazem o papel das carpideiras, pois elas choram em praça pública, como se fosse um velório público ou coletivo, entretanto a flauta é tocada [ἠυλήσαμεν ὑμῖν] mas não há dança [οὐκ ὠρχήσασθε], existe lamento [ἐθρηνήσαμεν] mas não há choro [οὐκ ἐκόψασθε]. Nessa metáfora de Jesus o velório não segue seu caminho natural, ao invés disso há um clima de morte, mas as lágrimas não são derramadas.

Em seguida, no outro paralelo, as mesmas categorias empregadas para João são empregadas para Jesus beber [ἐσθίω] e comer [πίνω], João que não fazia nada disso era visto como endemoninhado [δαμόνιον ἔχει] ao passo que Jesus, ao fazer, era chamado de glutão [φάγος] (vale dizer que esse é o termo que aparece em João 6, uma expressão ‘chula’ para se referir à ação de comer) beberrão [οἰνοπότης] amigo de publicanos e pecadores [φίλος καὶ ἁμαρτωλῶν. καὶ ἐδικαιώθη]. Dentro da ótica da multidão que ouvia o discurso, nenhum dos dois líderes religiosos se encaixariam nas expectativas ou nos parâmetros estabelecidos da religião oficial ligada ao templo.

Esse dito é posto na segunda parte do discurso, mostrando o contraste entre os dois grupos; uma metáfora para apontar as diferenças (que já foi analisado em 4.4). Cabe aqui avaliar os indícios presentes no texto, dentre os quais se destaca a forma diversa dos dois ministérios: João Batista com seu ascetismo rigoroso, e Jesus com sua comensalidade aberta. Em comum, ambos são rejeitados pelos ouvintes. É certamente um recurso mnemônico, parece uma formulação antiga, bem conhecida, quase como uma música de criança, tendo em vista sua métrica e possível rima:

ἠυλήσαμεν ὑμῖν καὶ οὐκ ὠρχήσασθε,
ἐθρηνήσαμεν καὶ οὐκ ἐκόψασθε.

O objetivo dessa metáfora na situação de conflito entre os grupos reforça a ideia de uma tentativa de apaziguamento e conciliação. É como se fosse dito: somos diferentes, mas temos algo em comum, por isso podemos ficar juntos. A situação de

conflito externo facilitou o convívio dos grupos internamente, mesmo tendo entre si diferenças e pontos de conflito.

Finalmente, o tema das obras, que iniciou a perícopes também a fecha. O dito que encerra a ideia das metáforas comparativas aponta para o início da perícopes anterior (2.2-6), e reforça o foco no ministério de Jesus, associando-o ao do Batista. A sabedoria está associada às obras, que foram enumeradas antes. E à pregação do Batista, que preparou o caminho do Senhor (cf. v. 10 e par.).

Essa parte final também aponta divergências no uso das fontes. Em Mateus e Lucas a ideia de justificação aparece, como já foi mencionado, entretanto a equação literária em que esse termo aparece é distinto em cada evangelho. Em Lucas há uma harmonização da justificação com o ministério de João Batista. As pessoas que são justificadas recebem o batismo de João. Lucas não apresenta conflitos ou resistência ao movimento do Batista, diferente de Mateus, haja vista que o termo justificação dá outra entonação para a perícopes. O autor mateano se preocupa em harmonizar seu quiasmo, isto é, inicia com obras e termina com obras [ἔργων]. Percebe-se que Mateus enfatiza que é por obras feitas em favor dos pecadores que se sabe que a sabedoria é divina, ou, em outras palavras, é justificada. A justificação vem das obras realizadas por aquelas pessoas que não são aceitas nos círculos sociais de seu tempo, ou seja, é na ação em favor dessas pessoas que a justificação dá sentido à sabedoria.

Em suma, percebe-se total liberdade nas tradições sobre o Batista, seja pela forma como a receberam, ou pelo objetivo em cada evangelho a respeito da figura dele. A divergência que a exegese apresenta na análise sinótica é que se para Lucas não há problema nenhum com o movimento do batista, assunto que está bem resolvido, em Mateus ainda há tensões e conflitos que precisam ser amenizados, de modo que o autor mateano escolhe enfrentar essa tensão com um discurso do próprio Jesus.

Conclusão: a memória a respeito de João Batista

O estudo sobre João Batista no Evangelho de Mateus, utilizando o método indiciário e a comparação sinótica, nos ajudou a perceber como diferentes tradições, ou ainda, diferentes movimentos puderam tornar-se parte de um processo único,

amalgamando ideias e crenças. Não é possível de fato reconstruir a história dessas comunidades, mas apontar uma hipótese a partir dos indícios literários.

O que se percebe de um modo geral é que a memória do João Batista preserva traços de um homem estranho, separado do cotidiano das pessoas, que pregava uma mensagem de cunho forte e provocativo, e que com isso alcançou muitos de seus ouvintes, em especial as pessoas que na escala social estavam em situação de fragilidade, como as meretrizes ou em situação de questionamento diante dos iguais, como os cobradores de impostos. Depois da dispersão da comunidade do Batista, provavelmente por causa de questionamentos e perseguições após a morte dele, parece que parte do grupo disperso é acolhida pela comunidade de Mateus, formada por seguidores de Jesus Nazareno. Entretanto, a memória do Batista na comunidade de Mateus é conflitiva, ou ainda, a memória que os seguidores do Batista trazem com eles entra em conflito com a imagem que os de Mateus tinham diante da memória sobre Jesus. Assim, as narrativas em que João Batista e Jesus aparecem juntos, ou no caso de Mt 11.2-19, onde se fala sobre ambos, indicam uma tentativa de harmonizar as diferentes memórias, dar valor a João Batista, mas estabelecendo a superioridade de Jesus em relação a ele.

Neste sentido, o texto mostra como as memórias organizam as crenças por meio de narrativas que ordenam motivações, autoridade e o papel de cada líder na formação da comunidade. Ao re-oralizar a memória do Batista, a comunidade de Mateus cria outra tradição, por meio dessa narrativa organizadora. De certo modo, pode-se afirmar o mesmo com relação a Jesus, aos apóstolos e demais memórias que percorrem a comunidade, e que fazem parte da teia da memória coletiva.

Referências Bibliográficas

ALAND, Kurt (Ed.). *Synopsis of the four Gospels*. Greek-English edition of the Synopsis Quattuor Evangeliorum. 11^a ed. Freiburg: Germany: German Bible Society, 2000.

BYRSKOG, Samuel. “A New Quest for the *Sitz im Leben*: Social Memory, the Jesus Tradition and the Gospel of Matthew”. In NTS 52. United Kingdom: Cambridge University Press, pp.319-336. 2006.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.

DAVIES, Margaret. *Matthew*. Second Edition. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2009.

LUZ, Ulrich. *El Evangelio de San Mateo*, Vol. I. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993.

_____. *El Evangelio de San Mateo*, Vol. II. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2001.

KIRK, Alan, THATCHER, Tom (Ed.) *Memory, Tradition, and Text*. Use of the Past in Early Christianity. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

KLOPPENBROG, John S., HOFFMANN, Paul, ROBINSON, James M. *The Critical Edition of Q*. Minneapolis: Fortress Press, 2000.

OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento*. Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28th Revised Edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

SCHOLZS, Vilson. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.